

## Visões de povo: Castro Alves e Jean Baudrillard

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

### Resumo:

Intenta-se, neste artigo, refletir acerca da complexa e polêmica noção de “povo”, a partir de duas visões antagônicas sobre a mesma. A primeira, representada por Castro Alves, se orienta pela idealização romântica, marcante no século XIX. O poeta aproxima o “povo” de Prometeu, figura mitológica que detém o fogo do conhecimento. A segunda visão, marcante na virada do século XX para o XXI, representada pelo filósofo Jean Baudrillard, se relaciona a perspectivas menos otimistas. A noção de “povo” passa a ser inserida na de massa amorfa, sem perspectivas de luta. Destacando algumas das reflexões contidas na obra *O povo por escrito*, de Geneviève Bolléme, serão postos em diálogo dois poemas de Castro Alves e o pensamento de Baudrillard, contido em *À sombra das maiorias silenciosas*.

**Palavras-chave:** Povo – massa – Castro Alves - Jean Baudrillard

## Views on people: Castro Alves and Jean Baudrillard

### Abstract:

This article aims at reflecting about the complex and polemic notion of *people* from two antagonist notions. The first view, represented by Castro Alves, is guided by the romantic idealization, emphasized in the XIX century. The poet approximates *people* and Prometheus, mythological figure that possesses the fire of knowledge. In the turn of XX to the XXI centuries, the second view is related to less optimistic perspectives. The notion of people is inserted into the non-morph mass, without perspective of struggling. By highlighting some reflections in the work *O povo por escrito* (*Le pleupe par écrit*), by Geneviève Bolléme, two poems by Castro Alves and the thought of the philosopher Jean Baudrillard in: *À sombra das maiorias silenciosas*. *O fim do social e o surgimento das massas*. (*A lombre des majorités silencieuses on la fin du social; L'Extase du socialisme*) will be discussed in dialog.

## Visões de povo: Castro Alves e Jean Baudrillard

O povo é como o sol! Da treva escura  
Rompe um dia c'oa destra iluminada,  
Como o Lázaro, estala a sepultura.  
(Os escravos - Castro Alves)

As massas não são mais um referente  
porque não têm mais natureza  
representativa. Elas não se expressam,  
são sondadas.  
(*À sombra das maiorias silenciosas* -  
Jean Baudrillard)

Geneviève Bollème, em seu livro *O povo por escrito*, estuda a complexidade da noção de povo, mostrando como a mesma é multissignificativa. O povo, segundo a autora, se define como “um conjunto, uma multidão que habita um lugar, uma cidade; é também a população de um país.” (BOLLÈME, 1988, p.19) *Populus*, o povo, portanto, é constituído por homens que convivem no mesmo *locus*. Mas, como sabemos, a palavra povo abarca várias outras definições possíveis e nenhuma delas consegue englobar todas as possibilidades. “A cada vez que se descreve, que se define o *povo*, ele é instituído como povo particular, em detrimento de outras reuniões ou de uma reunião que ocorre ao mesmo tempo”. (BOLLÈME. 1988. p. 21) Geneviève Bollème acrescenta que, em termos de número, o povo é a massa dos cidadãos mais considerável, no seu conjunto, e a menos considerada quanto a esses indivíduos particulares. Já, massa é o termo utilizado por vários autores contemporâneos para designar o conjunto dos cidadãos que vivem em meio às instâncias do Pós-Modernismo, como o faz o polêmico Jean Baudrillard, em seu importante livro *À sombra das maiorias silenciosas*, que aqui receberá destaque, junto com os poemas de Castro Alves.

O presente artigo intenta refletir acerca da noção de povo a partir de dois enfoques diferentes: o do poeta do século XIX, Castro Alves; e o do filósofo contemporâneo Jean Baudrillard. O primeiro enfoque está relacionado à idealização romântica, o segundo se inclina a uma visão mais sombria e atual.

A noção de povo, em Baudrillard, se incorpora à de massa. Serão comparadas as perspectivas dos dois autores citados. Para cumprir esta tarefa, foram escolhidos os poemas *O sol e o povo* e *Prometeu*, de Castro Alves; e o livro *À Sombra das maiorias silenciosas*, de Jean Baudrillard. Partindo desta reflexão, é promovido um diálogo entre a postura utópica de do Poeta dos Escravos, centrada nos ideais da Revolução Francesa e a *apocalíptica*, de Jean Baudrillard.

No período inicial da estética romântica na literatura brasileira, na primeira metade do século XIX, a noção de povo surgia juntamente com a idéia de nação. Tratava-se, segundo Antônio Cândido, de uma “literatura empenhada”, pois intentava forjar o perfil identitário do recém-formado país, que visava a tornar-se nação. (CÂNDIDO, 2007) A própria idéia de nação pressupõe a presença de um grupo de cidadãos com semelhanças em vários campos, como o da religião, dos costumes, dentre outros.

Para Castro Alves, cujas obras são inseridas no terceiro ciclo do romantismo, no século XIX, a noção de povo está relacionada diretamente aos oprimidos, aos escravos. Mas a defesa da noção de povo empreendida pelo poeta baiano se instaurava em um ambiente semântico pantanoso. O povo, aquele pelo qual Castro Alves luta e que espera ver surgir como herói, já no momento mesmo de sua configuração (junção da raça negra à indígena e à branca, representada pelos portugueses), demonstrava a dificuldade para amalgamar-se e tornar-se um todo coeso. Mário de Andrade, ao retomar a questão da identidade brasileira pelo viés parodístico, no início do século XX, faz com que o grande herói brasileiro, Macunaíma, seja feio e preguiçoso.

Os primeiros românticos brasileiros, dentre eles, José de Alencar e Gonçalves Dias, tomavam para si a incumbência de apresentar à nação sua própria face, (SUSSEKIND, 1990) já que era necessário refletir e colaborar na tarefa de forjar a identidade brasileira. O que aqui se afirma, permite que se remeta aos estudos de Eric Hobsbawm, relativos à invenção das tradições nacionais no século XIX. (HOBSBAWM e RANGER, 1984) O Brasil, nesse momento, construía sua identidade e esta, para alguns orientadores do que se pode denominar “projeto de nação”, como Ferdinand Denis, baseava-se principalmente no exotismo. (ROUANET. 1992)

Já no terceiro momento do romantismo, no final do século XIX, Castro Alves utilizava a palavra povo referindo-se aos oprimidos, aos escravos, como se, em algum momento, esse povo pudesse, reconhecendo sua força, galgar a própria liberdade e gerir, por si mesmo, sua existência.

#### A MUSA E O POVO

Nem a “turba esfarrapada” (o povo), nem as “Esfinges de granito” (as elites dirigentes), no início do terceiro milênio, podem negar a presença da poesia de Castro Alves no imaginário do brasileiro. Mais recentemente, longe dos lampiões a gás, dos tálburis e caleças, os ritmos agitados dos trios elétricos da terra do poeta ainda o mencionam, como se pode depreender na composição musical de Caetano Veloso: “a praça Castro Alves é do povo, como o céu é do avião/ um frevo novo, um frevo novo/ Todo mundo na praça / Manda a gente sem graça pro salão (...) O tempo passa/ Mas na raça eu chego lá/ É aqui nesta praça que tudo vai ter que pintar” (VELOSO. In: NETINHO, 2000)

A paródia contida nas duas primeiras linhas da letra desta composição musical é, simultaneamente, uma alusão carnavalesca ao direito do povo à cultura, à alegria, e a demonstração explícita da permanência, no imaginário dos brasileiros, da idéia centrada na força do povo (na “raça”), herdada da poesia de Castro Alves. Nos versos finais desse frevo, o “eu lírico” afirma que, na raça, conseguirá o que anseia e que o lugar onde seu desejo se concretizará será a praça. A busca do espaço para a realização da felicidade do povo já era exaltada por Castro Alves, no XIX, e é ratificada no frevo de Caetano Veloso.

O advento das massas ainda não se fizera perceptível, à época de Castro Alves, como o mostrariam, no futuro, Theodor Adorno, Walter Benjamin e tantos outros de inclinação marxista. Este último proporia a importância de se estudar a história dos excluídos, dizendo que a história foi escrita “(...) do ponto de vista dos vencedores e ”teria de ser escrita do ponto de vista do vencidos”. (ADORNO, 1992. p. 133) Já no século XIX, Castro Alves apontava para a

força da “turba esfarrapada”, daqueles que vinham aglomerados nas galés, perdendo a identidade dos povos africanos para “atar-se aos pés dos Andes.”

O traço modernizante, mostrado na composição musical de Caetano Veloso citada acima, troca o céu da natureza, cujo representante é o condor, pelo céu moderno do avião, das naves espaciais. A partir dessa aproximação do canto revolucionário do poeta ao canto festivo dos trios elétricos, percebe-se que, tanto na poesia libertária do XIX, como na efusão carnavalesca da música popular do século XX (e início do XXI), a praça deveria ser sempre do povo. Hoje, há o predomínio da modernização: o avião voa soberano no espaço antes habitado pelos pássaros. O vôo do imaginário, ainda nos tempos contemporâneos, continua voltado para o céu. Na contemporaneidade, o condor cedeu espaço ao novo mistério interplanetário da possibilidade da existência de vida em outros planetas.

Hannah Arendt, em *A condição Humana*, lembrando do lançamento de um satélite artificial, em 1957, comenta acerca da afirmativa de que aquele evento espacial seria “o primeiro passo para libertar o homem de sua prisão na terra”. (ARENDR, 1993. P. 9) O tema da liberdade do homem, como vemos a partir deste exemplo, se atualiza, ao longo do tempo. A percepção de Castro Alves o leva a antever, a partir da necessidade da abolição da escravatura, no século XIX, a conceituação do conjunto dos cidadãos oprimidos como povo-Prometeu. Este é, simultaneamente, o oprimido e o potencial salvador de si mesmo.

Castro Alves, através de sua lucidez, aguçada por uma imaginação fértil e libertária, outra vez, mesmo na situação de um histórico Prometeu, acorrentado pelas malhas do tempo a rótulos como o de utópico, de idealista, permite mostrar que sua poesia transcende o tempo em que foi escrita. O argumento da liberdade e da fraternidade, aspirado por alguns intelectuais do século XIX, no Brasil, era relacionado à liberdade dos africanos. Mas a liberdade requerida também se espria aos povos de outros séculos e locais.

A categoria de povo, perceptível em Castro Alves, merece atenção especial, pois, a obra deste (como se pode observar nos poemas citados), se refere especificamente aos africanos. Só no século XX o negro seria efetivamente incorporado como uma das raças formadoras da chamada nação

brasileira. Intelectuais importantes como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freire tomariam o estudo da problemática sobre o povo brasileiro dando ênfase à mistura das raças. Macunaíma, sob a batuta do músico-poeta Mário de Andrade, no modernismo, é uma personagem que aglutina em si mesmo as características que Gilberto Freire acabaria por difundir ao tratar da problemática da miscigenação. O negro escravo é um dos elementos formadores do conjunto de pessoas ao qual se costuma denominar povo. Com esses autores a conceituação de povo mudara completamente. O índio (da América), o negro (da África) e o branco (da europa), passaram a formar o chamado povo *brasileiro*, herdeiro cultural de três continentes.

Palavra de difícil categorização, povo, para Castro Alves, se refere a todos os seres humanos oprimidos. O texto desse poeta, portanto, ao tomar o negro como baliza de luta contra a opressão, o transforma em símbolo da parte da humanidade que é excluída da sociedade. Assim, o negro simboliza, no total da obra de Castro Alves, o Povo. E é a este Povo que o poeta denomina Prometeu. E o negro, representante maior da humanidade oprimida, em Castro Alves, preso às rochas da ignorância, ergue-se dos porões das galés para transformar-se em herdeiro da liberdade, por ter saído de sua condição de Titã africano e, a partir de sua dor, poder iluminar o caminho crítico contra os desmandos dos “maus reis”, dos maus governantes, como podemos ver a partir do seguinte trecho:

Povo! povo infeliz! Povo, mártir eterno,  
Tu és do cativo o Prometeu moderno...  
Enlaça-te no poste a cadeia das Leis,  
O pescoço do abutre é o cetro dos maus reis,  
Para tais dimensões, p'ra músculos tão grandes.  
Era pequeno o Cáucaso... amarraram-te nos Andes.  
(ALVES, 1986, p. 289)

A América, trazida ao centro da discussão, funciona como viga que acorrenta esse Prometeu. Ao perder sua força (arrogância) de *titã* africano, poderá tornar-se um Prometeu moderno, detentor potencial de uma força redentora. Entretanto, como se pode depreender no poema, tal força não se transforma em ação, existindo apenas enquanto idéia de mudança. Embora o escravo africano do XIX seja o representante do Povo, a Liberdade é a grande

protagonista das poesias libertárias de Castro Alves. A força real dos negros para transformar suas dores em liberdade é apenas uma idéia. E é nesta idéia de fraternidade que tais poesias fecundam o ideal de uma Humanidade, ou seja, de uma pátria cujas fronteiras se alargam tornando o universo um só país.

Partindo da questão atual da globalização, pode-se dizer que a idéia básica da poesia de Castro Alves, embora a mesma tenha sido fecundada em uma época em que o nacionalismo era a temática central, aponta também para uma universalização da liberdade. Sob esse prisma, pode-se entender que havia, se quisermos “arriscar” um pensamento contemporâneo, um índice de aspirações globalizantes. É claro que há inúmeras e complexas implicações que distinguem a universalização utópica do romantismo da globalização dos dias atuais, mas a ampliação das novas técnicas de comunicação já nos permite perceber o quanto a humanidade poderá unificar suas ações e pensamentos. Deve-se, portanto, estar atento à natureza da fluidez que marca o *Mal-estar da pós modernidade*, e às “Consequências Humanas” da *Globalização*. O sociólogo Zygmunt Bauman aprofunda reflexões acerca dessas questões que podem ser denominadas, genericamente, de *Vida Líquida*, centrada em um mundo marcado pela fluidez em vários níveis. Segundo Bauman “a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incertezas constantes” (BAUMAN, 2007, p. 8)

A universalização do termo povo por Castro Alves não deve ser entendida como sinônimo de inação. A abolição da escravatura era uma tentativa efetiva de mudança. Quando o poeta afirma, em *Prometeu*, que o povo é um mártir eterno e que o pescoço do abutre é o cetro dos maus reis, aponta, implicitamente, para a cegueira daqueles que detêm o poder. Os Andes funcionam, então, como alegoria de uma prisão cujas grades são as Leis. A consoante ‘L’ pode apontar para o entendimento da lei enquanto universal e divina, mas também como ironia, já que a lei da escravidão contraria as Leis advindas dos ideais revolucionários fundados no trinômio *Igualité-Fraternité-Liberté*. A partir da visão utópica inerente à época do poeta, tais leis são índices demonstrativos da falsidade da premissa em que se apoia a lógica da lei escravagista.

Sendo as Leis celas do povo escravizado e os maus governantes as feras que perenemente dilaceram os organismos humanos fragilizados, o poeta consegue mostrar, a partir da temática da escravidão, a situação paradoxal da democracia moderna. Seu interesse libertário consegue ultrapassar os limites da própria situação que provoca seus poemas. Sem necessidade de nomear Castro Alves precursor das lutas populares ou precursor das idéias de globalização, aponta-se, aqui, para o potencial crítico que torna o texto deste poeta cada vez mais atual, permitindo desdobramentos contemporâneos que têm como base a questão da liberdade.

A remissão aos Andes, em contraposição ao Cáucaso, no poema citado, traz embutida a noção da maior grandeza e força da natureza andina, e, por extensão, dos povos americanos (do novo mundo). Os músculos grandes funcionam, então, como metáfora de uma força que ultrapassa a prepotência dos maus reis. Assim, o Povo não é mais o coadjuvante da história, mas protagonista. O fogo do conhecimento, neste caso, não é dado por aqueles que dominam as estratégias do conhecer, mas pelo próprio homem que sofre. Instaure-se assim a idéia de um herói coletivo que pode promover mudanças.

Na poesia de Castro Alves, o povo representa o “Prometeu moderno”, que se encontra acorrentado, mas que detém o fogo da liberdade. Tal deus deve ser temido, segundo o poeta, pois,

O povo é como o sol! Da treva escura  
Rompe um dia co'a destra iluminada,  
Como o Lázaro, estala a sepultura! ..(ALVES, 1986, p. 228)

Seguindo estas orientações, a força desse herói coletivo ressuscitará e trará a liberdade. A turba esfarrapada, e não o Deus cristão, passa a ser o Salvador, “Que salva o berço à geração futura/ Que vinga a campa à geração passada” (ALVES, 1986, p. 228) O passado e o futuro são a base mesma da poética libertária de Castro Alves e o povo é o seu herói e salvador.

#### POVO: INAÇÃO OU ESPERANÇA

Partindo desta leitura de dois significativos poemas de Castro Alves, intenta-se, agora, estudar relação da conceituação de *povo* como herói -

como o faz o idealismo romântico, cujo melhor exemplo brasileiro está no poeta de *Os escravos* -, e, “povo”, como massa informe, vazia -, de acordo com a visão, por muitos denominada apocalíptica, de Jean Baudrillard. Em Castro Alves, o povo está acorrentado, porém possui forças para superar os desmandos dos “maus reis”. Os homens africanos arrancados a “fórceps” do seio de sua terra, encarcerados no novo continente são, em Castro Alves, uma alegoria. A imagem buscada é a do herói coletivo.

Refletindo a partir do texto de Jean Baudrillard, *À sombra das maiorias silenciosas - O fim do social e o surgimento das massas*, promove-se aqui, a discussão acerca desse potencial transformador que, segundo os poemas de Castro Alves, emanaria do povo. O autor francês afirma que “todo o confuso amontoado do social se move em torno dessa realidade ao mesmo tempo opaca e translúcida, desse nada: as massas”. (BAUDRILLARD, 1993, p. 9) Tomando o termo “massas” como sinônimo de povo, podemos traçar uma primeira diferença de posicionamento de Baudrillard, na obra citada em relação a Castro Alves, através dos poemas já comentados. O primeiro enfoca os múltiplos elementos formadores das “massas” como um todo, já o segundo, parte de um dos elementos formadores do povo (o negro) como metonímia de Povo.

Jean Baudrillard afirma que “a massa é característica da nossa modernidade, na qualidade de fenômeno altamente implosivo, irredutível a qualquer prática e teorias tradicionais, talvez irredutível a qualquer prática e a qualquer teoria simplesmente”. (BAUDRILLARD, 1993, p. 10) Sendo assim, outra diferença se evidencia em relação à postura do poeta de *Os escravos*: para este, “Como um Lázaro, o povo estala a sepultura”. (ALVES, 1986, p. 228) A possibilidade de que a força da massa se erga da morte representada pela opressão é a base mesma da força motriz dos poemas. Em Baudrillard, a massa é inerte e também possui uma energia em potência, como se pode ver no seguinte trecho: (...) na “representação imaginária, as massas flutuam em algum ponto entre a passividade e a espontaneidade selvagem, mas sempre como uma energia potencial, como um estoque de social e de energia social”. (BAUDRILLARD, 1993, p.10) A potencialidade das massas, para Baudrillard, jamais se transformará em ação. Assim, vê-se a grande diferença existente nas

duas posturas: na visão de Baudrillard, a massa é apenas um reservatório, um estoque. A expectativa deste autor, portanto, é negativa em relação à possibilidade de reação do povo.

Em Castro Alves, o povo subjugado traz, em si mesmo, a potência de ataque que ressuscitará através da energia transmitida pela evocação poética da dor. Mas há, na base do pensamento explicitado sobre a postura do poeta baiano em relação ao tema aqui proposto, um paradoxo que pode ser observado na metáfora de Prometeu. Se Castro Alves, em *O sol e o povo*, afirma que o povo “salva o berço à geração futura, e que vinga a campa à geração passada”. (ALVES, 1986, 228), em “Prometeu”, acaba por negar inconscientemente a possibilidade de esperança da ação transformadora das massas e a possibilidade de tornar o povo um herói. Isto se dá pela própria utilização de um mito que se caracteriza pela perene inação. No primeiro poema citado, a força imanente do povo possui como arma o grito, o alerta que desperta a esfinge fria representante dos maus reis, como se vê no seguinte trecho,

(...) o Egito  
Humilde curva a fronte e um grito errante  
Vai despertar a Esfinge de granito. (ALVES, 1986, 228)

Como se pode depreender do que aqui se afirma, a própria esperança na ação do povo é posta em questão ao prender o herói coletivo a um herói mitológico cuja maior característica é a de sofrer perenemente. Partido deste paradoxo aqui revelado, a visão de Baudrillard não se afasta muito da perspectiva do poeta de *Espumas Flutuantes*, pois a utopia romântica que caracteriza o pensamento de Castro Alves deixa que se entreveja a dificuldade da transformação do povo em herói. Mesmo quando se parte do grito de dor que acordaria os opressores (e não de uma luta propriamente dita), a maior virtude do povo, como se pode depreender no poema, é sofrer. A redenção, em Castro Alves, vem, não através dos *músculos*, da força oprimidos, mas da potência da poesia em proclamar a injustiça. A heroicidade do negro é, portanto, uma Idéia, como também o é a Liberdade.

As massas, para Baudrillard, nem chegam a emitir seu grito, nem a se colocar na história, pois ele afirma:

Ora, justamente as massas não têm história a escrever, nem passado, nem futuro, elas não têm energias virtuais para liberar, nem desejo a realizar: sua força é 'atual', toda ela está aqui, e é a de seu silêncio. (BAUDRILLARD, 1983, p. 10)

Portanto, nem mesmo se aventava a possibilidade do grito. E, mais ainda, não há, nas massas, para Baudrillard, a percepção da dor. Para esse autor, as "maiorias silenciosas" nem mesmo são alienadas, pois, nelas, não há polaridades. Até mesmo a questão religiosa não é tratada pelas massas a partir da profundidade da fé. "O que elas conservaram foi o martírio dos mártires e dos santos, do juízo final, da dança dos mortos (...) foi o espetáculo cerimonial da Igreja, a imanência do ritual - contra a transcendência da Idéia". (BAUDRILLARD, 1983, p. 13)

O principal vetor por onde Jean Baudrillard lê o contexto das massas se situa no que ele denomina "abismo de sentido". Neste vazio se encontra, seguindo o pensamento do autor, uma espécie de buraco negro por onde se perdem as "essências" das coisas. Assim, para o autor de *Estratégias Fatais*, o povo, além de não ser um herói promissor, nem mesmo percebe que se transformou em massa, conglomerado disforme que adere burocraticamente a qualquer modelo, mesmo quando este se volta contra as próprias aspirações da maioria. Para Baudrillard as massas não têm aspirações. Já, Castro Alves, não analisa a ação dos escravos contra o opressor, ao invés disso, projeta na idéia de Povo a esperança inerente à época em que viveu. A libertação dos escravos funciona como uma espécie de pavio para todas as outras libertações da humanidade.

## CONCLUSÃO

A atualidade da obra de Castro Alves permite o debate sobre questões importantes para os tempos contemporâneos, como a da globalização das idéias, da restrição da liberdade que esta pode vir a causar, enfim, dá base à

discussão dos rumos da liberdade dos seres humanos no milênio que se aproxima e dos destinos da chamada Pós-Modernidade.

Ao buscar o diálogo entre a visão pessimista de Jean Baudrillard e o idealismo de Castro Alves acerca da força potencial das massas em relação às mudanças sociais, permite-se que sejam problematizadas tanto as posturas “apocalípticas” quanto as “apoteóticas”. O “Poeta dos escravos” traz a poesia da esperança, evoca os ideais sempre sonhados advindos do lema da Revolução Francesa. Se esta acabou por suscitar o terror, em sua época, não deixou de provocar uma enorme convulsão nas mentes, nos séculos posteriores. Se o *Prometeu* de Castro Alves conseguirá se libertar da cegueira imposta pela Lei dos “maus” reis, ou se permanecerá translúcido como propõe Baudrillard, só o tempo responderá.

Como já se disse, a noção de povo, para Castro Alves remete à Idéia de Povo (universal), ligada ao sentido de fraternidade. Nos poemas do autor, analisados aqui, temos um bom exemplo da força poética deste e da amplitude de seus ideais humanísticos. A escravatura, entretanto, não é apenas um tema, é, mais que isso, índice de problematização, de onde a “musa” parte, visando à liberdade do universo. A noção de “povo”, de difícil conceituação até os dias atuais, surgia, no período de formação da literatura brasileira, incentivada pela intenção de forjar uma identidade nacional. Herdando de Gonçalves Dias o bastão da nacionalidade, cujo protagonista era o indígena, Castro Alves consegue tomar o negro seu herói. Os grilhões que prendiam os escravos, para o jovem poeta, impediam também a possibilidade de crescimento do país.

Para encerrar este artigo, deve-se entender, com clareza que, embora a caracterização de povo, em Castro Alves, esteja centrada em uma noção ainda parcial, diferente do que hoje ocorre, quando se institui a problemática da coletividade e, mais ainda, de comunidade, sua poesia contribuiu para que, nos séculos seguintes, outros intelectuais pudessem estudar, e, principalmente, integrar a cultura negra, trazida da África, na jovem cultura brasileira. Por extensão, as representações dos indígenas ainda europeizados também não deixaram de ter importância na inserção do índio na tríade de elementos raciais constitutivos da então almejada nação brasileira. A poesia foi um forte elemento de divulgação de idéias nos meios sociais emergentes do XIX

brasileiro. Se povo ainda é um termo de difícil classificação, a obrigação imposta aos colonizadores europeus e seus descendentes de aceitar a participação dos negros como cidadãos é um mérito dos intelectuais abolicionistas. Não se deve esquecer, é claro, que a situação política e econômica em que o Brasil se encontrava abria possibilidades para a existência de tal luta.

Fica-se, assim, nas primeiras décadas do terceiro milênio, com algumas perguntas, além daquela inerente a todo início de século sobre o destino da humanidade: O que é povo? Os oprimidos se consideram integrantes do povo? As massas são realmente manobradas pelos aparelhos ideológicos e tecnológicos e informáticos? Não estariam soprando nesse clima de insegurança da *Modernidade Líquida*, como a denomina Bauman, os ventos de descontentamentos geradores de novas éticas? As massas são mesmo amorfas, ou apenas contrariam as expectativas de uma classe média representada por intelectuais que intentam ser prometeus modernos e libertários? As chamadas massas, na atualidade, são realmente manobradas sem o seu consentimento? Não há atitudes drasticamente tomadas à revelia dos setores dirigentes e intelectuais?

No final da primeira década do século XXI, autores como Néstor Canclini, Zygmunt Bauman, Homi Bhabha, Stuart Hall, dentre muitos outros, permitem que se ratifique a emergência de uma reavaliação das expectativas acerca de atitudes do povo ou das massas em meio à fluidez da vida contemporânea. A noção de povo, como afirma Geneviève Bollème cedeu espaço a outra aparentemente similar: a noção de popular.:

(...) hoje em dia tendemos a empregar a palavra 'popular' como substantivo e com muito mais freqüência do que a palavra 'povo', como se existisse a vontade ou pelo menos o desejo de desprezar um dado da gramática, ou seja, que o adjetivo 'popular' provém do substantivo 'povo' e deles depende diretamente (BOLLÈME. 1988. p. 13)

O popular, entretanto, atrai outras discussões não menos complexas, relacionadas a noções como 'erudito', 'tradição', 'modernidade', enfim, carecem de outras oportunidades, que ultrapassam os limites desse artigo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.
- ALVES, Castro. *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad.: Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas - O fim do social e o surgimento das massas*. Trad.: Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vida Líquida*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Trad.: Myriam Àvila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2001.
- BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. Trad.: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes: 1988
- CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas*. Estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad.: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EdUSP, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Trad.: Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 4. Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.
- HOBSBAUM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das Tradições*. Trad.: Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço esplêndido*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- SALIBA, Elias Thomé. *As utopias Românticas*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. O narrador; a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VELOSO, Caetano: "Um frevo novo." (66710499 - Gapa/Warner Chapbell) In: *Netinho* (532422-2), Produção e direção: Guto Graça Mello. São Paulo: Polygram, 2000.